

O surgimento do assistente social na sociedade disciplinar

Débora Maria Victória Barros, Diogo Costa Tavares da Cunha

Resumo

Este trabalho tem caráter bibliográfico e apresenta uma análise do surgimento do Assistente Social na sociedade disciplinar, e como esta profissão carrega dos seus primórdios o disciplinamento e o controle tão explanados por Michel Foucault. Ao olharmos o momento histórico de surgimento do assistente social e também o movimento da sociedade no seu processo de sofisticação do modelo econômico e na evolução da forma de controle, localizamos a necessidade do surgimento do profissional do serviço social para docilizar o proletário e permitir a permanência e proliferação do lucro ao encontro dos interesses burgueses. A sociedade passa por mudanças na ordem social vigente, porém, em todos os períodos históricos, a sociedade sempre foi dividida por interesses de classe, evidenciando-se o domínio de uma classe sobre outra. A partir daí, podemos estabelecer uma ligação do assistente social com as sociedades de controle, que mantém o disciplinamento em seu interior e se utilizam do trabalho deste profissional para a evitação de conflitos no seio da empresa. O panorama teórico escolhido, no presente trabalho, está em sintonia com as ideias de Michel Foucault e Yamamoto.

Palavras chave: Sociedade disciplinar. Sociedade de controle. Docilização.

Abstract

This work is a bibliographic and analyzes the emergence of the social worker in disciplinary society, and how this profession carries its beginnings disciplining and control as explained by Michel Foucault. When we look at the historical moment of the social worker and also the movement of society in the process of sophistication of the economic model and the evolution of the shape control, locate the need for the emergence of professional social service for docilizar proletarian and allowed to remain and proliferation of profit to meet the bourgeois interests. The company undergoes changes in social order, however, in all historical periods, society has always been divided by class interests, demonstrating the dominance of one class over another. From there, we can establish a link social worker with the societies of control, which keeps the discipline inside and utilize the work of this professional to the avoidance of conflicts within the company. The theoretical framework chosen in this study is in line with the ideas of Michel Foucault and Yamamoto.

Keyword: Society disciplinary. Control society. Docilization.

1 Introdução

A proposta deste artigo, de revisão bibliográfica, envolve a análise histórica do feudalismo até nossos dias sobre o surgimento do profissional do Serviço Social, inserido no modo de produção capitalista e enquanto agente, neste sistema, atua como reproduzidor do *status quo*

ou como agente de mudança. A entrada da sociedade disciplinar¹ e posteriormente da sociedade de controle² criam uma necessidade específica: o exercício do papel do assistente social enquanto instrumento de controle na manutenção do poder e docilização³ do proletariado, mantendo-o dentro dos padrões de aceitação pacífica dos meios de controle e coerção social, o que garante a reprodução e aprimoramento do sistema vigente. Como “o poder disciplinar é com efeito um poder que em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2009, p.164), é feita uma análise dos meios de manutenção do poder através da intervenção profissional esperada do trabalho do Assistente Social pelo sistema capitalista e o quanto esta expectativa condiciona o trabalho deste profissional, exigindo que, para que ele cumpra seu papel crítico e transformador na sociedade atual, que redobre seus cuidados e posicionamentos críticos, a fim de poder exercer efetivamente seu papel de agente de mudança e não, simplesmente, de reproduzidor do *status quo*.

¹ “Foucault analisa três modelos de sociedades na produção de subjetividade dos indivíduos: as sociedades de soberania, as sociedades disciplinares e as sociedades de controle. Cada uma delas apresenta diferentes estratégias de abordagem no exercício do poder e resulta em diferentes formas de subjetividade.

Nas sociedades de soberania o poder se individualiza à medida que ascende, sendo maximamente individual na figura do soberano; já nas sociedades disciplinares ocorre o inverso: à medida que o poder se torna descendente, ele é maximamente individual.

“Na sociedade disciplinar, coloca-se para funcionar um aparato de dispositivos que regulam os costumes, os hábitos e as práticas produtivas. Esses dispositivos asseguram o funcionamento de suas regras e isso se faz por meio de instituições disciplinares de captura. São elas: prisões, fábricas, hospitais, asilos, escolas, universidades, enfim, todas as instituições “que estruturam o terreno social e fornecem explicações lógicas adequadas para a ‘razão’ da disciplina”. (HARDT e NEGRI, 2004, p.42) O poder disciplinar vai prescrever o que é normal e o que é desviante para seu funcionamento.

“A passagem da sociedade de soberania para a sociedade disciplinar ocorreu no momento em que foi necessária mão de obra livre e abundante para suprir as necessidades da emergente sociedade capitalista do século XVIII, novas normas e regras de funcionamento se impuseram então. A passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle – que ocorreu por volta da virada do século XIX para o século XX - aconteceu quando o poder disciplinar se estendeu a todas as instâncias da sociedade e capturou o indivíduo não apenas nas instituições de captura, mas se fez presente em toda a rede social de forma capilar. Com o desenvolvimento da sociedade industrial, um aprimoramento nas técnicas de controle foi necessário, uma vez que houve um incremento, também, nos roubos, nas agitações, nas interrupções do trabalho, impondo-se um controle mais acirrado sobre o que não é visível” (BARROS, 2006, p.74)

² Entende-se por sociedade de controle “... técnicas sempre minuciosas, muitas vezes internas, mas que tem suas importâncias: porque certo modo de investimento político e detalhado do corpo uma nova microfísica do poder e por que não cessaram, desde o século VXII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendesse a cobrir o corpo social inteiro... a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas de vida e do corpo darão em breve, no quadro escolar, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou uma técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito”(p.134). “... uma observação minuciosa do detalhe e, ao mesmo tempo, um enfoque político dessas pequenas coisas, para controle e utilização dos homens sobem através da era clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos, de saberes, de descrições, de receitas e dados”(FOUCAULT, 2009, p.136).

³ Entende-se por docilizar ou docilização dos corpos “... o corpo que se manipula se modela se treina, que obedece, responde e se torna hábil ou cuja força se manipulam, é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado, o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõem”(p.132) . “... que é também uma mecânica de poder, está nascendo; ele define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que se opere como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficiência que se determina” (FOUCAULT, 2009, p.133).

Veremos, num primeiro momento, a origem doutrinadora do Serviço Social, desde a Idade Média, e como esta origem veio configurando a prática dos Assistentes Sociais no decorrer do tempo; na sequência, abordaremos a intenção de ruptura com esta origem doutrinatória, com a introdução das ideias de Karl Marx no seio do Serviço Social e como esta visão pode induzir empoderamento e cidadania nos usuários deste serviço; analisaremos, também, os antagonismos à intenção de ruptura e a captura da subjetividade do trabalhador por parte do Assistente Social. Por fim, enfocaremos como o poder direcionador do Assistente Social pode servir ao assujeitamento dos indivíduos ou à sua prática emancipatória, na medida em que este profissional utilizar as brechas do sistema, as linhas de fuga como nos traz Deleuze.⁴

2 Origem doutrinadora do serviço social

A Assistência Social surge no feudalismo, como modo de caridade praticado pela Igreja Católica, com práticas de acolhimento dos órfãos, aliada com o modo de ajuda solidária, mas no seu interior havia um mecanismo de controle e vigilância que não permitia transgressões da ordem divina vigente e pretendia a aceitação, por parte de cada indivíduo, da condição em que se encontrava, disseminando que esta condição se dava segundo a vontade de Deus. Esta prática propiciava o entendimento de que a igreja era parte da organização social feudal e também conselheira, detentora de poderes divinos. Transmitia-se que a Igreja era o próprio Deus na terra e assim ganhava legitimidade e aceitação do poder real, visto enquanto agente da vontade divina, nascendo a caridade aos povos como essência de controle e dominação.

O poder disciplinar é com efeito um poder que em vez de se apropriar a de retirar, tem como função maior adestrar ou sem duvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele amarra as forças para reduzi-las procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separar analisar, diferencia leva seu processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes. Adestrar as multidões confusas móveis, imóveis, inúteis de corpos e força para uma multiplicidade de elementos individuais. (FOCAULT, 2009, p.164)

A partir do feudalismo da Idade Média, temos uma mudança de modo de produção: na Idade Moderna, o capitalismo se estabelece e com ele vêm as metas, regras e normas de conduta através do disciplinamento de corpos, inicialmente, a fim de manter a ordem vigente. A noção de tempo e espaço fica modificada com a instauração do capitalismo. O artífice que antes era responsável pela elaboração completa do seu trabalho, agora se vê submetido às lógicas do capital; realiza, portanto, parte do seu trabalho, uma vez que sua tarefa entrou na divisão social do trabalho e o que antes era iniciado e concluído por uma pessoa ou grupo de pessoas (a família, por exemplo), agora é feito em linha de produção, sendo que cada funcionário é responsável por uma pequena parte desta tarefa. Os funcionários de uma empresa trabalhavam, nos primórdios do capitalismo, cerca de 14 a 16

⁴ As linhas de fuga são “uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma”. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.75-76)

horas por dia, com pequenos intervalos para as refeições e para ir ao banheiro, intervalos que são cronometrados pelos supervisores das empresas. O mesmo mecanismo de controle do tempo e espaço acontece em outras instituições como exército, prisões, conventos, escolas e afins. Nesta lógica em que o objetivo é a acumulação, o aspecto humano é naturalmente relegado e os conflitos cedo ou tarde surgirão. Para dar conta desses conflitos e abrandá-los ou até e, preferencialmente, eliminá-los, docilizando o trabalhador, surge a figura do assistente social, inicialmente nos Estados Unidos em 1898 e no Brasil em 1936 com o mesmo objetivo. A Assistência Social é dotada de um DNA de dominação que acaba por servir ao sistema para a garantia da ordem e do controle. O assistente social é um agente incumbido da missão de observar os desajuste sociais e buscar meios de harmonizar os conflitos, "...durante séculos as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do templo, grandes técnicos do ritmo e das atividades reguladoras" (FOUCAULT, 2009, p.144). No momento em que o assistente social consegue efetividade a harmonização dos conflitos está exercendo o poder disciplinar e docilizando os indivíduos.

O Assistente Social assume, nesta atividade docilizadora, caráter educativo e orientador. É relevante que ele entenda, em profundidade, como sua ação promove a docilização de corpos e mentes e que, desta forma, pode colocar em risco seu propósito de defender a classe trabalhadora, indo na contramão de apoiar seu projeto revolucionário original e agindo como um simples reforçador do *status quo* vigente. Nesta direção, ele passa a ser um agente de implementação e estabelecimento do poder da classe burguesa, condicionando a classe trabalhadora a inércia e a um falso estado de bem estar que pode apresentar duas consequências para a luta do trabalhador. A consequência negativa é que os mecanismos utilizados no processo de disciplinamento podem ser direcionados para a reprodução das formas de submissão aos interesses da classe dominante e isso mantém a condição de despotismo. A consequência positiva é que o assistente social pode utilizar-se destas ferramentas para a construção de um posicionamento crítico ou criar um modo de agir que empodere o trabalhador e o auxilie a exercer seu poder enquanto cidadão que é possuidor de direitos e membro da classe trabalhadora que participa no trabalho social e é merecedor dos frutos desse trabalho.

2.1 Posicionamentos de *intenção de ruptura*⁵ nas relações de poder

O entendimento do movimento histórico, dos modos de dominação social e do seu caráter disciplinar é fundamental ao assistente social. Sua ação, entretanto, não deve apenas direcionar um comportamento pré-definido e em alinhamento acrítico aos objetivos do sistema, mas pode servir como um ponto de partida na busca do pensamento crítico, não apenas reproduzindo o *status quo*, mas num movimento que propicie ao usuário uma busca

⁵ Por intenção de ruptura entende-se a inquietação da profissão com o surgimento dos novos atores que entram na cena política, ligados à classe subalterna, o que leva ao rompimento com a forma de pensar anterior e liga o profissional do serviço social à tradição marxista. "É no marco da reconceptualização que, pela primeira vez, de forma aberta, a elaboração do Serviço Social vai socorrer-se da tradição marxista e o fato central é que depois da reconceptualização, o pensamento de raiz marxiana deixou de ser estranha ao universo profissional dos assistentes sociais"(p.148) "o principal é que a partir de então, criam-se bases, antes inexistentes, para pensar a profissão sob a lente de correntes marxistas; a partir daí, a interlocução entre o Serviço Social e a tradição marxista inscreveu-se como um dado da modernidade profissional"(p.149) "o marco referencial de teórico da novas proposta é uma trindade conceitual: diálogo pessoa e transformação social cujo articulação e implementação constituem propriamente a metodologia profissional"(241) "as perspectivas renovadoras que são a falta de uma melhor designação chamamos de intenção de ruptura"(NETO, 2011, p.247)

ativa na direção de sua cidadania e entendimento que o empodere para exigir seus direitos enquanto parte imprescindível do processo de produção. O Assistente Social pode, através de sua intervenção, não apenas orientar, mas esclarecer seu usuário que ele tem poder no âmbito de sua condição enquanto trabalhador, e lhe apresentar alternativas para exercício deste poder.

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma 'apropriação', mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que se seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, de admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é 'privilégio' adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados (FOUCAULT, 2009, p.29)

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (FOUCAULT, 2004, p.27)

O exercício do poder permeia as relações sociais em toda sua extensão. No momento em que o assistente social utiliza seu poder para conduzir as subjetividades dos trabalhadores no sentido de assujeitá-las ao poder vigente, está propiciando a reprodução do modelo vigente e não está promovendo mudança nas relações de poder. Esse movimento pode, no entanto, ser direcionado no sentido inverso, proporcionando um espaço de recriação da realidade e produzindo novas subjetividades e mudanças nas relações estabelecidas.

2.2 Antagonismos da Intenção de Ruptura⁶

A ação do profissional do serviço social emerge deste contexto de disciplinamento e controle, onde controlar o corpo e, nos dias de hoje, a mente do funcionário é fundamental para a geração e manutenção do lucro. O corpo é disciplinado pelo rigor da disciplina, dos tempos e movimentos: tempos de trabalho quase sem intervalos e tarefas repetitivas correspondem aos movimentos. Espaços sem condições de luminosidade e higiene nos primórdios do capitalismo eram usuais, além das relações serem muito hierarquizadas, com controles rígidos e constantes: em muitas fábricas mal se podia conversar durante o período de trabalho. A mente é disciplinada e controlada através das ideias de que funcionário engajado é funcionário que veste a camiseta da empresa, funcionário que dá ideias e que resolve problemas, que faz entregas ao sistema maiores do que o sistema dele exige, o que gera sobrecarga ao indivíduo. Surge desta relação o ponto de ação do profissional do serviço social nas relações sociais, sendo que nestas, estão entrelaçadas várias relações de poder que envolvem o capital e o trabalho. O profissional do serviço social é chamado a

⁶ Por antagonismos da intenção de ruptura entende-se a resistência ao processo de ruptura e o comportamento de aceitação à manutenção do *status quo*.

atuar nestas relações como docilizador, trazendo uma série de benefícios que interessam ao funcionário e acabam confundindo-o, mas este papel apresenta uma contradição, ao mesmo tempo em que estende a mão ao funcionário, ele está, na verdade, servindo ao capital, uma vez que é empregado pela empresa e está atendendo às necessidades de reprodução e exploração desta, servindo de mediador entre o capital e o trabalho, na medida em que, com sua intervenção, pode haver o abafamento das reivindicações legítimas do trabalhador e a desqualificação da luta deste último pela transformação do *status quo*.

A participação do serviço social no processo de reprodução das relações sociais se dá, na perspectiva do trabalho e capital, através da disciplina. “A disciplina fabrica indivíduos ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício”. (Foucault, 2009, p.164)

O trabalhador passa a ser capturado em sua subjetividade e acaba aderindo ao projeto do assistente social nas organizações na busca do sentimento de bem estar social, sentimento que é utilizado pelas instituições como meio de compensação da desigualdade e para a evitação dos conflitos gerados pelas relações e condições do trabalho. Para tanto, o trabalhador procura prestigiar e auxiliar a manter no poder quem lhe proporcionou tal condição de emancipação. Porém tal emancipação vem acompanhada de uma sujeição aos meios de disciplina que acompanham as instituições. “tem-se a instituição de uma série de instrumentos de poder para controlar os indivíduos através de observatórios que tornam claramente visíveis aqueles que se pretende coagir pela vigilância.” (FOUCAULT, 2004, p.216). Estes observatórios chamados de panópticos estão presentes em alta escala em nossa contemporaneidade: pontos eletrônicos, presentes no ambiente de trabalho; pardais, no trânsito; supervisão, no ambiente de trabalho; a própria assistência às famílias e aos funcionários, prestada pelo assistente social, seja no ambiente de trabalho ou nas suas residências, pode ser vista como uma atividade panóptica, tão em sintonia com a realidade atual.

Agindo como simples doutrinador, o assistente social corre o risco de retroceder no processo de ruptura ou intenção de ruptura. Uma vez que implemente medidas de disciplinamento na sociedade está, apenas, reproduzindo o Estado de poder de uma classe sobre outra e acaba servindo aos interesses burgueses.

Assim, a reprodução das relações sociais é a reprodução da totalidade do processo social, a reprodução de determinado modo de vida, que envolve o cotidiano da vida em sociedade :o modo de viver e de trabalhar, de forma socialmente determinada, dos indivíduos em sociedade, envolve a reprodução do modo de produção.(IAMAMOTO, 2012, p.79)

Iamamoto (2012) também partilha a noção de que o assistente social tem uma participação efetiva no processo de “reprodução das relações sociais na perspectiva do trabalho e capital”(p.78).

Um grupo é carregado de signos, faz parte da ação do Assistente Social interpretar estes signos e entender como se dá a constituição dos mesmos dentro dos grupos; lembrando, também, que valores podem ser alocados e acrescentados a eles. Uma vez que os grupos apresentam movimentos passíveis de exercer e receber influência dentro de uma sociedade de disciplinamento, o Assistente Social pode ser passivo de uma manipulação, ao atuar sem

seu posicionamento crítico e na contramão da intenção de ruptura, trazida por Neto (2011), e tão cara ao assistente social, o que pode descaracterizar sua luta pela emancipação desses coletivos e, a partir disso, ser utilizado na desconfiguração dos anseios da gênese de tais grupos.

O Assistente Social caso atue, apenas, como disciplinador, pode ser conduzido a desfigurar os movimentos sociais, se não possuir o entendimento de que medidas disciplinadoras são carregadas de intenção de controle ou, ainda, por desviar esse movimento para uma luta fictícia ou para uma inércia.

3. Poder de direcionamento do assistente social

Ao considerarmos o que foi referido até então sobre a possibilidade do assistente social atuar, apenas, como disciplinador e, portanto, reproduzidor do *status quo* ou como agente de mudança e, para tanto, necessitaria direcionar sua ação em sentido inverso, na produção de novas subjetividades e de mudanças nas relações profissionais e sociais estabelecidas, é viável pensarmos na importância e no poder de direcionamento que está a cargo deste profissional. Para refletirmos um pouco mais sobre os micropoderes que são passíveis de submeter os indivíduos na sociedade disciplinar, vamos tratar agora a respeito do assujeitamento que recai sobre os corpos.

3.1 Subjetividade condicionada, o corpo em foco

A evolução das necessidades do sistema capitalista e, em consequência, da classe dominante, configuraram os processos de ação da profissão do Assistente Social, em sintonia com os desejos e interesses do capital. Na atualidade, a necessidade do capital aponta para a configuração de uma mão de obra muito mais especializada do que nos primórdios do capitalismo, como nos aponta Drucker (1970):

Os operadores de máquinas semiquilificados, os homens da linha de montagem eram o centro da mão de obra americana. Hoje é o empregado com conhecimento, o homem ou mulher que aplica trabalho produtivo ideias, conceitos e informação, e não habilidade manual ou força muscular. (p.297)

Do interesse no corpo como produto de um sistema capitalista é que surge a perspectiva de proteção deste, uma vez que este corpo esteve suscetível às mazelas ocorridas no período de surgimento da indústria. O Serviço Social tem a função de proteger a mão de obra, pois sem esta não é possível a evolução da sociedade capitalista, dando-lhe o apoio necessário para que esta subsistisse a serviço do capital. A partir desta necessidade, temos o início do trabalho de disciplinamento do corpo e não mais o suplício presente na idade média, pois este último não preserva a mão de obra, e, sim, a expõe a perdas irreparáveis para a linha de produção do capitalismo.

Na época do feudalismo, em função do pequeno desenvolvimento da produção e da moeda, teve-se um aumento dos castigos corporais, a fim de trazer mão-de-obra extra para, juntamente com os indivíduos que eram angariados nas guerras ou pelo comércio, se constituir uma escravidão civil. Utilizava-se para isso o corpo, por ser o único bem acessível. Entretanto, com a emergência do mercado industrial, em meados do século XIX, foi

necessário uma mão de obra livre e, para tanto, substitui-se o antigo suplício por detenções com fins corretivos. (FOUCAULT, 2009, p.28)

O corpo passou a ser de grande utilidade para o sistema produtivo, pela sua possibilidade de submissão. O Assistente Social age no sentido de esclarecer que há um poder hierárquico responsável para auxiliar a população em suas necessidades, estabelecendo assim a noção de direito, como no feudalismo, onde os suseranos “cuidavam” dos camponeses, dando-lhes condição de sobreviver e proteção em troca de seu trabalho no campo.

O castigo passou de uma arte de sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará a distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo bem mais “elevado”. Por efeito dessa nova retenção, um exercício inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores; (FOUCAULT, 2009, p.16)

Algumas intervenções, que se configuram como disciplinares, poderiam ser exemplificadas como: a direção normativa, sequência de normas apresentadas para adaptação de um modo de conduta, como participação em cursos para ser um profissional capacitado, por necessidade do sistema de produção; o Exame ou pesquisa, uma análise dos motivos que levam tal usuário a aquela condição diferente do normal; o diagnóstico, precedido por um inquérito, conforme exemplificado por Mary Richmond⁷, que se utilizou de princípios médicos para estabelecer seu modo de intervenção, entre outros. O Assistente Social poderia ser esta figura que enquadra no grupo, que veio a substituir o carrasco, como bem ilustra a ligação com o diagnóstico médico de Mary Richmond, e como nos refere FOUCAULT, 2004, p. 2016: “um corpo de técnicos substituiu o antigo carrasco: os guardas, os médicos, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores”.

Três instrumentos tornam eficaz e eficiente o poder disciplinar, são eles: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. (FOUCAULT, 2004, p. 216). A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (p.121)

Este enquadramento propicia o estabelecimento de uma subjetividade ao indivíduo, ele aprende a deixar seu corpo dócil aos mandos e desmandos do sistema, que abrange não só o corpo, mas toda percepção de realidade do sujeito.

É sabido, também, que, Segundo Foucault (1992):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O

⁷ “... como forma de qualificar os agentes para o exercício profissional, Mary Richmond, da sociedade de organização da caridade de Baltimore, exerceu grande papel no sentido de torná-la realidade, além de difundida durante a realização da Conferência Nacional de Caridade e correção, em 1897, em Toronto, propôs que criassem uma escola para o ensino da filantropia aplicada. Visualizando o inquérito como um instrumento de fundamental importância para a realização do diagnóstico social e, posteriormente, do tratamento” (MARTINELLI, 1995, p. 106).

poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, sempre centros de transmissão. (p.183)

Tendo em vista que o poder circula em redes, como nos traz Foucault, é importante identificar esta circulação nas relações de trabalho e capital, até porque este poder é produtivo, produz subjetividades e se transmite de indivíduo a indivíduo como se fosse uma malha, onde uns exercem influência sobre outros. O assistente social, como profissional especialista em relações sociais, é a pessoa qualificada para estar na articulação dessas redes, utilizando as linhas de fuga que se criam na empresa para dar voz aos discursos que estão submergidos e relegados ao obscurecimento. Ao dar visibilidade e voz a muitas verdades escondidas sob as paredes da organização, o profissional está promovendo mudanças significativas e utiliza o seu espaço de invenção para construir relações mais humanas e não apenas reproduzir o discurso vigente.

4 Conclusão

A profissão de Assistente Social nasce dentro do sistema capitalista, no contexto das sociedades de disciplinamento e controle e, mesmo anterior ao estabelecimento destas, durante a Idade Média, no reinado das sociedades de soberania, já havia, na prática da Assistência Social, a essência do controle e dominação. Podemos identificar este controle até mesmo no acolhimento aos órfãos, praticado pelos membros da Igreja Católica. Associado a este modo de ajuda solidária, havia o controle e a vigilância ao não permitir transgressões da ordem divina e impor a aceitação passiva de cada indivíduo da sua situação em respeito à vontade de Deus.

Esse caráter assistencial vai permear o início da profissão até 1960 – no Brasil – a partir desta data, temos a intenção de ruptura e a recontextualização, baseada nas ideias revolucionárias de Marx. Esta recontextualização vai romper com o paradigma anterior e, como tal, com as ideias assistencialistas da Igreja Católica.

Mesmo com a intenção de ruptura é preciso considerar que o nascedouro da profissão se dá dentro da sociedade disciplinar e com o objetivo de docilizar os proletários para servir aos objetivos do sistema capitalista. As diversas ações que estão previstas no rol de atividades do assistente social preveem a mediação entre o profissional e os trabalhadores, entre o profissional e o capital. Segundo Mota (2010):

O capital, desse modo, constrói uma armadilha para o trabalhador, embora suas grades, fabricadas pelo assistente social, se apresentem sob formas tão sedutoras com ‘a promoção social’, ‘o bem-estar pessoal e familiar’, ‘o lazer coletivo’, ‘a ajuda para vencer as dificuldades da vida’ etc. (p. 26)

Através destas grades é possível docilizar, é possível disciplinar e controlar. Reproduzir é muito mais fácil do que construir, do que criar, do que questionar e usar referenciais críticos para mudar as situações vigentes. O assistente social é capaz de influenciar e construir subjetividades nas organizações, por isso a necessidade deste profissional manter-se em constante alerta para que não se torne uma ferramenta de manipulação e completa reprodução do *status quo*, atentando-se tanto para práticas individuais como coletivas, para que não entre em contradição com o posicionamento crítico, adotado a partir do referencial

teórico marxista. Além disso, é importante ter como mote que, como nos refere Foucault (1992), o poder circula em redes e é produtivo, produz práticas e subjetividades, para que esta produção seja criativa e sirva aos objetivos transformadores do assistente social é vital que este profissional esteja atento aos espaços que se criam nas malhas do social para que se estabeleçam nestes espaços de invenção – linhas de fuga para Deleuze – relações mais humanas e sustentáveis.

Referências

- BARROS, Débora Maria Vitoria. *Dinâmica dos grupos como pedagogias culturais: Uma análise das relações de poder e produção de subjetividade*. 2006. 157. Dissertação (mestrado de psicologia)– Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana, Canoas, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (Trad. Aurélio Guerra Neto et alii). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 3. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.
- DRUCKER, Peter F. *Technology, Management And Societ*: Harvard bussines press.1970
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*, v.1. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Vigiar e Punir: O nascimento da Prisão*.37.Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes,2009.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. CARVALHO,Raul. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*.37.Ed. São Paulo: Editora Cortez,2012
- MARTINELLI, Maria Lucia. *Serviço Social: Identidade e Alienação*.4.Ed. São Paulo:Editora Cortez,1995.
- MOTA, Ana Elizabete. *O feitiço da ajuda: as determinações do Serviço Social na empresa*. São Paulo: Cortez, 2010.
- NETO, José Paulo. *Ditadura e Serviço Social: Uma análise do serviço Social no Brasil pós-64*.16.Ed.São Paulo:Editora Cortez,2011.